



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1337

HISTÓRIA MILITAR, MODA E GÊNERO: ABORDAGENS

Patrick Aparecido Trento
(La Moda - Universidade Estadual de Maringá)

Resumo: Salientamos por meio das abordagens que remetem aos estudos da nova história militar, de gênero e moda, a proposição de temáticas que admitam essa discussão e permeiem os âmbitos dessa interdisciplinaridade. Focalizamos como possibilidade a descrição do até aqui levado a cabo na linha de Fronteiras, Populações e Bens Culturais do Mestrado do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, que tem por projeto a asserção da Força Expedicionária Brasileira enquanto objeto para o exame das emergências de masculinidades múltiplas em seu interior, a partir da contraposição com a imagem homogênea no que tange o propósito da identidade do ser homem, discursada pelos meios militares. A moda assim, bem como a aparência se tornam caminhos onde podem se inscrever as diferentes maneiras de ser do masculino, comunicando-se não-verbalmente e desvelando brechas nas distintas e rígidas hierarquias perpetradas pelas disciplinas no seio da caserna. Esperamos contribuir e suscitar questões ao debate de novas frentes para a historiografia, principalmente na área cultural, local no qual as categorias de masculino e de cultura militar ainda podem e devem ser bem melhor explorados, a fim de termos melhores quadros de apreensão que elucidem com maior clareza suas complexidades e contradições, suas diversas perspectivas e contingências nas formações de fronteiras de identidade.

Palavras-chave: Militar; Moda; Gênero.

Introdução

Os anos em que se deu a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial em muito já foram explorados por diversos olhares da historiografia ao longo do tempo. O contexto de Guerra proporcionou aproximação entre variados domínios da vida social, como o militarismo e a moda, por exemplo, que nem sempre obtiveram entusiasmo dos meios mais tradicionalistas do discurso histórico.

De que maneira então poderia se articular um trabalho, aos moldes de uma nova história militar, e que estabelecesse o diálogo com campos como a história da moda e

contingências que toquem nas identidades de gênero? As questões de sistematização teórica vêm enquanto conteúdos a serem trabalhados para viabilizar essa tentativa, e é nessa perspectiva que o texto se encadeia, buscando caminhos que deem aportes teóricos e metodológicos a fim de justificar a escolha por uma diretriz interdisciplinar.

Objetivos

Esse texto visa contribuir para propostas interdisciplinares de se escrever história. A partir de um projeto previamente estabelecido que intenta problematizar o ideal masculino dentro do Estado Novo (1937-1945) brasileiro, buscando vínculos entre as mudanças sociais que o contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) exigiu e os conceitos hegemônicos do que é ser masculino no período. Para tal, foi delimitada a Força Expedicionária Brasileira (FEB) como cerne e objeto de exame, a fim de um recorte mais coerente, tendo sempre a ideia da heterogeneidade presente dentro dessa instituição.

A ideia é sempre ter em vista os temas que foram abordados pela linha de Fronteiras, Populações e Bens Culturais do Programa de Pós Graduação em História da UEM, no qual o projeto foi aceito. Destarte, pretende-se avaliar a atualidade e validade dos referenciais conceituais que se tem por base para analisar o objeto de pesquisa do projeto, principalmente após confrontação com bibliografias e abordagens que, desde sua formulação, ainda não tinham sido consideradas.

Não se tem como finalidade, por momento, a pretensão da discussão do aparato de fontes, pelo estágio em que se encontra o projeto, portanto, não figura objetivo do texto confirmar ou descartar qualquer hipótese exceto a da legitimidade teórica que um trabalho intercalado por militarismo gênero e moda possui.

Resultados

Como posto por Soares e Vainfas (2012), a proposta intitulada de nova, para os estudos que contemplam temas militares, teve seu lugar em meio ao surgimento de variadas outras “novas histórias”, como as asserções culturalistas por exemplo, se firmando enquanto campo específico a partir da década de 1970.

Conforme já dito, continuidades e discontinuidades são colocadas em relação ao que se propõe como “velho”, e o que essa abordagem traz consigo de originalidade? Perspectivas interdisciplinares e análise dos conflitos em percepções mais abrangentes, indo ao encontro de aspectos econômicos, sociológicos, psicológicos, antropológicos, culturais, dentre outras, tendo aqui dentro da proposta desse texto a aproximação com questões identitárias de gênero e da moda.

É a evidência maior da negação do vínculo intrínseco, que óticas mais tradicionais da historiografia traçam dos estudos militares com a história política. A cada vez maior proximidade com a Antropologia possibilita que seja crescente a preocupação dada aos casos de minorias e de complexidades de identidades culturais na formação e atuação de corpos militares.

Os dois autores apontam que em Keegan (2006) essa “antropologização” ganha força em seus argumentos. Através da observação da variação dos uniformes dos veteranos presentes na Real Academia de Sundhurst, na qual lecionava na década de 1960, conforme as corporações militares que compuseram na Segunda Guerra Mundial e na Guerra da Coreia, constatou a distinção individual de cada regimento e a fidelidade a ele que o uso do uniforme desvelava.

As palavras de Keegan iluminam uma característica original de parte dos estudos da nova história militar, a *antropologização* de diversos temas, ou seja, a busca de diferenças no seio de um mesmo exército; as metamorfoses identitárias dos soldados; as relações entre pelotões em missão com as comunidades em contato; a experiência individual dos combatentes, a dor, o sofrimento, o voluntarismo, a covardia, a esperança na vitória ou na simples sobrevivência, Buscar o *rostro da batalha* passou a ser um dos propósitos da disciplina, em vez de narrá-la pelo alto (SOARES, L. C.; VAINFAS, Ronaldo, 2012, p. 121).

O trabalho conceitual, que até o presente momento da escrita desse texto foi feito dentro da linha de pesquisa de Fronteiras, Populações e Bens Culturais, segue essa mesma linha, ainda em consonância com a temática de pesquisa previamente posta em projeto. Organizações militares e contexto cotidiano de guerra, múltiplas identidades masculinas e moda; diálogos possíveis que admitem os domínios dessa interdisciplinaridade que essa nova história militar clama.

As abordagens que tem por foco maior associação aos tópicos culturais, nesse sentido, fornecem respaldo para ir em direção a essa interdisciplinaridade desejada. O aparecimento, grosso modo em temporalidade semelhante ao das novas perspectivas da história militar, de uma preocupação crescente no exame e discussão das identidades como ponto indispensável das relações sociais. As fronteiras das identidades são postas a prova, da mesma maneira que as suas presenças no mundo social.

O conceito de fronteira, ainda que pareça óbvio, carrega imprescindível importância em sua definição. A noção, presente em Barth (1969), é de que a fronteira é algo que se dá em diversos pontos no qual um movimento orgânico se vê em obrigação de parar. Assim, pode-se dizer que a fronteira é relacionada sempre ao movimento, constituindo-se dessa maneira, na mobilidade, mesmo que possam existir tendências de fixação.

Pensando nessa dinâmica, as formulações de Burke (2003) nos mostram diversos movimentos que a cultura e suas fronteiras identitárias carregam. Esse contato e trânsito de uma fronteira cultural com outra pressupõe categorias como o hibridismo e tradução cultural, presentes em Burke e caros para esse teatro de contatos ressignificadores de fronteiras.

Abre-se para a ideia da interdependência coletiva entre níveis de identidades, sejam elas mais estáveis ou com maior grau de mutabilidade. Raça, etnia, gênero, dentre outros, são exemplos de categorias identitárias que podem ser articuladas entre diversos arranjos diferentes em indivíduos ou grupos.

Essa constituição da fronteira sempre na mobilidade é também posta por Homi Bhabha (1998). Tais fronteiras de identidade são porosas, maleáveis e continuamente estabelecendo contatos com outras. Bhabha faz essas observações em consonância com a realidade colonial, onde pela negação do sujeito colonial como determinado por forças externas que parte a sua historicização, sempre com as negociações identitárias enquanto horizonte.

Stuart Hall (2002) trabalha numa perspectiva que tem na queda da tradição iluminista enquanto projeto de homem progressista, e das estruturas fixas identitárias características de sistemas de pensamento que tiveram grande alcance até finais do

século XX, um de seus enunciados, como também a concepção de que a observação desse prisma há de se dar conta que só abarca uma imagem projetada de uma repetição sistemática de um *ser*, de um *eu* ou de uma identidade, nunca plena, una ou monolítica, mas complexa, só sendo a partir da apreensão dos lugares de inserção de onde falam essas identidades, muitas vezes tácitas e invisíveis, captar suas dimensões históricas.

Como esse debate das identidades culturais chegaria até o objeto proposto? Os grupos militares compõem de certo modo uma identidade bem definida, que preza pela coesão, historicamente indo na posição contrária, ao menos em discurso, de uma fragmentação de seus modos de constituição, pois no caso iriam na contramão da eficiência máxima na sua atuação.

Há na ideia do militarismo, portanto, a noção de disparidade para com outros grupos pela sua conceituação subjetiva levada a cabo objetivamente através de práticas e condutas compartilhadas pelos seus membros, ou seja, sua construção se dá partindo de uma disciplinarização do corpo ajustada ao código militar (CASTRO, 2004).

Hierarquia e disciplina são dentro desse código, bases fundamentais para a construção dos sujeitos militares. Tais ideias podem ser encontradas em discussão também por Michel Foucault (2014), que postula:

Exercer sobre eles uma pressão constante, para que se submetam todos ao mesmo modelo, para que sejam obrigados todos juntos “à subordinação, à docilidade, à atenção nos estudos e nos exercícios, e à exata prática dos deveres e de todas as partes da disciplina”. Para que, todos, se pareçam (FOUCAULT, 2014, p. 179).

Nossa primeira pergunta assim toma forma. Em que medida os intentos de homogeneização que são implementados na caserna conseguem de maneira efetiva dar coesão às múltiplas identidades encontradas no seio de um grupo militar? O período de análise ainda nos fornece a relação do militarismo com a sociedade civil em laços bem estreitos. Notadamente, como em Cytrynowicz (2000), o tempo no qual o trabalho se propõe examinar, tem por uma de suas características no Brasil a mobilização social para os fronts, tanto para as expedições em solo Europeu ao lado dos Aliados, quanto internamente com o intuito de defesa do território, assim como na

São Paulo dessa época. Então, vemos um grande apelo para a militarização de alguns setores da população, o que de alguma maneira ou outra requereu modificações nas condutas.

Tais contingências mostram situações passíveis do contato cotidiano de populações com o conflito propriamente dito, numa congruência para com os entendimentos que visam abarcar os impactos sociais das guerras.

Projetos e imaginários da constituição masculina emergem nesse contexto. Swchartzman, Bomeny e Costa (2000), nos mostram os diversos projetos que estão em pauta, entrando em contradição movimentos leigos e religiosos, passando inclusive por propostas militares e fascistas, com a noção de entrada do Brasil na modernidade e as necessidades de Guerra como importantes orientadores. Temas tais, que alimentaram debates da intelectualidade, comprometidos com a formação do homem brasileiro. São proposições ao nível de projeto de homem nacional, notadamente no período varguista, quando ideias como a do mestiço, do homem trabalhador ou do malandro surgem com muita força no cenário das masculinidades brasileira. Como colocado por Arruda (2000), a dicotomia entre “sertão e cidade” é de importância no entendimento dessas ideias do que é ser homem. Em tempos do Estado Novo brasileiro, a construção da identidade do matuto do campo e de um ilustrado homem da cidade figurava enquanto central na ordem do dia dos projetistas da modernização do país.

O questionamento inicial ao objeto pode a partir de seu enunciado e dos rumos conduzidos até aqui, tomar numerosos caminhos e uma das direções que figura de interesse é das discussões que envolvam a temática de gênero aliada à problemática das identidades, isto é, o entendimento das correlações entre as múltiplas identidades masculinas em um ambiente que se afeiçoa ao homogêneo.

Como aponta Izecksohn (2013), no âmbito da constituição da masculinidade, os militares carregam grande influência. Tais funções armadas compreendem diversos aspectos ligados historicamente ao masculino como o perigo, coragem e proteção. Além disso, até nos dias atuais, ainda que uma enorme mudança de panorama tenha ocorrido e tendo as mulheres alcançando cada vez aberturas, o símbolo bélico continua mais alinhado com a condição masculina e atrela-se a pontos como em exemplo, a sua eficiência e a “virilidade nacional”.

Há, em vista disso, jogos entre essas diversas masculinidades dentro do campo militar. Connel e Messerschmidt (2005) nos permitem através da conceituação de masculinidades hegemônicas, recortar ainda mais a problemática, em razão de que a organização social das masculinidades está relacionada com as práticas e representações socialmente legitimadas para ser masculino com o grupo que as define.

Assim, não se tendo uma só forma de ser masculino como essa pluralidade se relaciona nesse jogo da hegemonia? Querem todas elas tornar-se hegemônicas ou apenas legitimarem-se enquanto masculinidades possíveis? São questionamentos em aberto que suscitam a validade de se interrogar as configurações da hierarquia das relações de gênero no período e objeto proposto.

Unindo à discussão do texto o último eixo de asserção, é necessário relembrar que essas identidades podem aflorar de muitas maneiras e a corporeidade, como nas ideias de Foucault é um ambiente bem propício para a inscrição identitária. Essa corporeidade pode ser expressa pela aparência e pelas roupas, num consenso direto com a moda.

As aparências formam signos capazes de comunicar as ligações subordinadas às condições e posições do humano e seu mundo. Para Calanca (2008), monta-se assim um valor de linguagem para a moda, abrangendo símbolos para a concepção de mensagens não verbais, servindo de base para a construção de enunciados escritos.

Sendo assim, Barthes (1979) mostra-se também como uma referência a respeito da moda e do visual e suas relações sociológicas, através da linguagem que essas categorias empregam, isto é, o exame dos seus signos, aquilo que desejam dizer e transmitir. Porém, aqui não só o entendimento da moda condicionada a uma linguagem não verbal, própria a compor essa semiótica do visual é válida, mas também a linguagem que a envolve e circunda. As aparências e seus dizeres silenciosos por si só não constituem o objeto final, necessitando-se a ampliação dessa medida para o elo entre a palavra escrita e o visual, partindo-se sempre da fundação desta palavra pelo visual.

Amplia-se o trajeto para a análise semiótica dos vestires e a conjuntura da Segunda Guerra Mundial nos dá indícios de inscrições nas roupas que tocam pontualmente as identidades. O uniforme militar revela em grande medida muitas o que

a instituição deseja transmitir de valores e silenciosamente pode desvelar, como já dito por Keegan, diferentes condições hierárquicas e padrões que reverberam nas constituições identitárias masculinas.

Havia sido aperfeiçoado na Escola Militar um sistema complexo de hierarquização “honorífica”, em que as roupas traduziam essa classificação aos olhos de todos, e castigos mais ou menos nobres ou vergonhosos estavam ligados, como marca de privilégio ou de infâmia, às categorias assim distribuídas. Essa repartição classificatória e penal se efetua a intervalos próximos por relatórios que os oficiais, os professores, seus adjuntos fazem, sem consideração de idade ou de posto, sobre “as qualidades morais dos alunos” e sobre “seu comportamento universalmente reconhecido” (FOUCAULT, 2014, p. 178).

Militarismo e tudo que envolve uma história militar, qualquer que seja sua diretriz, assuntos de gênero, como as das identidades masculinas e a moda com a capacidade demonstrativa de suas materialidades, configuram um conciso referencial teórico para se pensar a Segunda Guerra Mundial e a FEB, abarcando as demandas para novas abordagens sobre esse tema. A historicidade de aspectos desse contexto até aqui um tanto quanto negligenciados podem de maneira mais complexa receber devida atenção.

Considerações Finais

Um campo de estudos que associe história militar, gênero e moda, configura-se não só em praticável, mas também em um fértil campo que abre horizontes na realização de trabalhos. O diálogo com diferentes áreas do conhecimento proporciona análises que vão ao encontro dos debates mais recentes da historiografia, dando formas únicas de se olhar e representar o passado.

Concluimos assim, que apesar de ainda em estágio inicial, o objeto nos parece promissor, pois, no aprofundamento do trabalho alternativas podem surgir e as fontes podem confirmar ou não hipóteses que possam surgir através dos questionamentos apontados pelo texto.

Referências

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões**. Bauru: EDUSC, 2000.

BARTH, Fredrik. **Ethnic groups and boundaries: the social organization of culture difference**. London: George e Allen & Unwin, 1969.

BARTHES, Roland. **O sistema da moda**. Trad. Lineide de Lago Salvador Mosca. São Paulo: Ed. USP, 1979.

BHABHA, Homi. Interrogando a identidade. In: BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. p. 70-104.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed da Unisinos, 2003.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. (2005). Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept. **Gender & Society**, 19 (6), p. 829-859.

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. São Paulo: SENAC, 2008.

CASTRO, Celso. **O espírito militar: um antropólogo na caserna**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CYTRYNOWICZ, R. **Guerra sem Guerra. A mobilização em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Geração Editorial: Editora Universidade de São Paulo, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 42 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

IZECKSOHN, V. Quando era perigoso ser homem. In: AMANTINO, Marcia, PRIORE, Mary Del (Org.). **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 267-297.

KEEGAN, John. **Uma história da guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena, COSTA, Vanda Ribeiro (1984). **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro e São Paulo: Paz e Terra e Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SOARES, L. C.; VAINFAS, Ronaldo. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 113-132.